

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
CURSO GEOGRAFIA LICENCIATURA PLENA

Igor Barros silva

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE COMO PROFESSOR DURANTE A
FORMAÇÃO INICIAL NO CURSO DE GEOGRAFIA LICENCIATURA DA UFSM**

Santa Maria, RS

2023

Igor Barros silva

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE COMO PROFESSOR DURANTE A
FORMAÇÃO INICIAL NO CURSO DE GEOGRAFIA LICENCIATURA DA UFSM**

Trabalho de conclusão, apresentado ao curso em Geografia – Licenciatura Plena, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de graduado.

Orientadora Prof.^aDr.^a Sandra Ana Bolfe

Santa Maria, RS
2023

Igor Barros Silva

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE COMO PROFESSOR DURANTE A
FORMAÇÃO INICIAL NO CURSO DE GEOGRAFIA LICENCIATURA DA UFSM**

Trabalho de conclusão, apresentado ao curso em Geografia – Licenciatura Plena, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de graduado.

Aprovado em 13 de dezembro de 2023

Prof.^aDr.^aSandra Ana Bolfe
(Presidente/Orientadora, departamento de Geociências, UFSM)

Prof. Dr. Cesar De David
(Departamento de Geociências, UFSM)

Prof. Dr. Marcelo Bêz
(Doutor em Geografia, UFPR)

Prof.^aDr.^aGilda Maria Benaduce Cabral
(suplente, Departamento de Geociências, UFSM)

Santa Maria, RS
2023

RESUMO

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE COMO PROFESSOR DURANTE A FORMAÇÃO INICIAL NO CURSO DE GEOGRAFIA LICENCIATURA DA UFSM

Autor: Igor Barros Silva

Orientadora: Sandra Ana Bolfe

A pesquisa atual enfatiza a vital importância do estágio como uma oportunidade crucial para os estudantes integrarem a teoria à prática durante sua formação inicial. Ao se depararem com a realidade dinâmica, influenciada pelas características específicas do público-alvo, os alunos têm a oportunidade de se familiarizarem e se adaptarem a novos cenários relevantes para sua futura prática profissional. O foco central recai na análise do papel da formação inicial na construção da identidade do professor de geografia. Os objetivos específicos abrangem a reflexão sobre experiências durante a participação do autor em aulas, tanto remotas quanto presenciais, no Programa Residência Pedagógica e no Estágio Curricular. Essa abordagem visa enriquecer a compreensão dos desafios e benefícios proporcionados pelo estágio, promovendo uma integração mais sólida entre a teoria acadêmica e a aplicação prática na preparação dos futuros profissionais da educação em geografia.

Palavras-chave: Estágio Curricular, Residência Pedagógica, Formação Inicial.

ABSTRACT

The construction of identity as a teacher during initial training in the Geography Teaching course at UFSM.

Author: Igor Barros Silva

Supervisor: Sandra Ana Bolfe

The current research emphasizes the vital importance of internship as a crucial opportunity for students to integrate theory into practice during their initial training. When confronted with the dynamic reality influenced by the specific characteristics of the target audience, students have the opportunity to become familiar with and adapt to new scenarios relevant to their future professional practice. The central focus is on analyzing the role of initial training in building the identity of the geography teacher. Specific objectives include reflecting on experiences during the author's participation in both remote and in-person classes in the Pedagogical Residency Program and the Curricular Internship. This approach aims to enhance understanding of the challenges and benefits provided by the internship, promoting a more solid integration between academic theory and practical application in preparing future geography education professionals.

Keywords: Curricular Internship, Pedagogical Residency, Initial Training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Cartilha Geodia, Fonte: Brum (2022).....	16
Figura 2 Vídeos tutoriais, Fonte: Brum (2022).....	17
Figura 3 Localização das escolas vinculadas a formação inicial	19
Figura 4 Escola Vicente Farencena, Santa Maria, Rs	20
Figura 5 Primeira aula realizada na residência pedagógica	21
Figura 6 Escola EMEF Santa Helena, Santa Maria, Rs.....	25
Figura 7 Aula 10/11 ensino fundamental, escola Santa Helena	26
Figura 8 Quadro da aula 10/11 Escola Santa Helena.....	27
Figura 9 Escola EFM Professora Edna May Cardoso, Santa Maria, Rs.	28
Figura 10 Primeira aula no Estágio de Ensino Médio.....	29
Figura 11 Segunda aula no Estágio de Ensino Médio (referente ao conteúdo da primeira aula	30
Figura 12 Perguntas formuladas para fixação do conteúdo	30

Sumario

1. INTRODUÇÃO	8
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.2 Formação inicial de professores.....	11
2.3 O Estágio Supervisionado na formação inicial e a identidade do professor.....	12
2.4 A padronização do ensino.....	12
2.5 O ensino de geografia no currículo escolar	13
2.6 O ensino de geografia na pandemia.....	15
3 METODOLOGIA	18
4 RESULTADOS DA PESQUISA.....	19
4.1 As escolas de vivências e experiências na formação inicial como professor de Geografia	19
4.2 Vivência como professor residente durante a pandemia	19
4.3 Vivência e experiência pós-pandemia com os estágios curriculares	21
4.3.1 O Estágio no Ensino Fundamental	23
4.3.2 O Estágio no Ensino Médio	27
4.4 Avaliações realizadas para os alunos durante os estágios curriculares	32
5 Considerações Finais.....	33
6 REFERÊNCIAS	34

1. INTRODUÇÃO

O surto de COVID-19, que teve origem ao final de 2019 na cidade de Wuhan, China, mostrou-se uma crise de saúde pública a nível global rapidamente sendo classificada como uma pandemia, marcada por sua rápida disseminação e caracterizada por sintomas respiratórios, a doença causada pelo vírus SARS-CoV-2 levou diversos países a implementar medidas rigorosas de contenção, incluindo lockdowns, distanciamento social e o uso generalizado de máscaras, na tentativa de conter a propagação do vírus e aliviar a crescente pressão sobre os sistemas de saúde.

O fechamento geral de escolas como medida de contenção teve impactos substanciais na educação básica em todo o mundo, resultando em interrupções significativas no aprendizado presencial. Diversos problemas referentes à transição abrupta para o ensino remoto puderam ser observados, expondo ainda mais as desigualdades no acesso à tecnologia e à internet e conseqüentemente o acesso ao ensino. Muitos estudantes enfrentaram dificuldades em manter a mesma qualidade de educação em casa, enquanto professores tiveram que se adaptar rapidamente a novas formas de ensino online.

Além disso, a pandemia exacerbou as disparidades educacionais existentes. Estudantes de comunidades economicamente desfavorecidas muitas vezes enfrentaram dificuldades adicionais devido à falta de dispositivos eletrônicos, conectividade inadequada e falta de apoio parental. A educação especial também foi impactada, uma vez que alguns alunos com necessidades específicas enfrentaram desafios adicionais na adaptação aos métodos de ensino remoto.

Durante a formação inicial, os alunos têm a oportunidade de confrontar os conhecimentos adquiridos durante a etapa teórica de sua formação com a realidade prática do campo profissional em questão. Eles se deparam com uma realidade distinta daquela vivenciada no ambiente universitário, onde as interações são dinâmicas e influenciadas pelas características específicas do público-alvo. Dessa maneira, o estágio se revela como uma chance valiosa para os estudantes se familiarizarem e se adaptarem a novos cenários pertinentes à sua prática profissional.

No âmbito dos cursos de Licenciatura, o Estágio representa um requisito indispensável, conforme estabelecido pelas disposições presentes nas Leis de

Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei Federal nº 9.394/96). Em 2002, seguindo as recomendações do Ministério da Educação, ocorreram alterações significativas nas Diretrizes Curriculares Nacionais, conforme delineado pela Resolução CNE/CP nº 01/2002 (BRASIL, 2002), que estabelece os parâmetros para a formação de professores para a Educação Básica, e pela Resolução CNE/CP nº 02/2002, que regula a carga horária e a duração dos cursos de Licenciatura (BRASIL, 2002).

A pesquisa envolveu a observação direta e participativa das práticas pedagógicas em diversas configurações educacionais, a análise do impacto dessas práticas no aprendizado dos alunos e a avaliação das estratégias utilizadas pelos educadores para promover um ensino eficaz e envolvente. Além disso, será dada atenção à forma como essas experiências influenciam a construção de uma identidade profissional sólida por parte dos futuros docentes de geografia, bem como ao seu desenvolvimento pessoal e ao crescimento de suas competências pedagógicas ao longo do processo de formação inicial.

O Estágio Supervisionado - ES proporciona ao aluno a oportunidade de aplicar seus conhecimentos acadêmicos em situações da prática profissional, criando a possibilidade do exercício de suas habilidades. Espera-se que, com isso, o aluno tenha a opção de incorporar atitudes práticas e adquirir uma visão crítica de sua área de atuação profissional (OLIVEIRA; CUNHA, 2006).

Para realizar esta pesquisa, utilizei uma metodologia autorreferente, que se fundamenta no relato do aluno a partir de suas próprias vivências e experiências. Nessa abordagem, reconhece-se o licenciando como o ator central de sua prática profissional. Dessa forma, pretendo discutir e narrar a relevância do Estágio Supervisionado na formação profissional, enfatizando a sua importância ao longo dessa jornada e compartilhando as experiências que influenciaram a construção de minha identidade profissional no campo da Geografia.

Diante desse contexto elaborou-se o objetivo geral para a pesquisa de analisar o papel da formação inicial na construção da identidade do professor de geografia, e como objetivos específicos: relatar e refletir as vivências de observações participadas em aulas remotas e presenciais no Programa Residência Pedagógica – PRP e no ES; relatar e refletir as práticas pedagógicas como experiências em sala de aula e refletir sobre a formação inicial do professor de geografia na perspectiva de sua profissão.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Ensino de Geografia

O ensino de Geografia é fortemente influenciado pelo contexto espacial e temporal em que a sociedade está imersa. Nesse sentido, a geografia escolar adquiriu características distintas que estão interligadas aos aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais. Algumas dessas características incluem o processo de ensino engessado utilizado por muitos anos e que era centrado no educador como detentor de todo o saber. Esse tipo de abordagem ficou conhecido como geografia descritiva e está atrelada ao ensino tradicional de Geografia, Segundo Freire (1996), ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para produzir e construir o pensamento crítico.

O caminho para a formação docente exige muito aprendizado teórico, unindo a teoria à prática, caracterizando a práxis, conceito elaborado por Paulo Freire e que foi citado pela primeira vez no renomado livro *A pedagogia do Oprimido*.

Mas se os homens são seres do quefazer é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o quefazer é práxis, o fazer do quefazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O quefazer é teoria e prática. É reflexão e ação. Não pode reduzir-se, como salientamos no capítulo anterior, ao tratarmos a palavra, nem ao verbalismo, nem ao ativismo. (FREIRE, 1968, p. 70)

Dessa forma, o processo de formação do educador está diretamente relacionado às práticas docentes e experiências profissionais, tudo embasado pelos conceitos adquiridos na formação inicial, e postos em prática através das habilidades pedagógicas. O professor não pode ser reduzido a apenas um canal que reproduz conhecimento, caracterizado pelo “ensino bancário” teorizado por Paulo Freire, E ele tem que representar um elo, que é carregado de saberes diversificados que é herdado pela prática docente, assim atuando como uma ponte entre o conhecimento e os alunos.

Por atuar neste processo o docente deve deter conhecimentos referentes ao funcionamento de sala de aula. O professor de geografia em especial atua de maneira a orientar seus alunos a partir da leitura do espaço com uma visão crítica, devendo incitar a reflexão. Fomentando diálogos com os alunos permitindo que criem uma

identificação com ser crítico, podendo então considerar os elementos culturais que estão presentes no dia a dia.

Considerando os temas já tratados, partimos do pressuposto de que para ensinar Geografia não basta conhecer seus conteúdos, como já dissemos, fazer Geografia pressupõe conhecê-la, todavia, ensiná-la exige também conhecimentos relacionados às ciências da educação. “É inegável que o professor precisa de uma carga de informações, de conteúdo para ter condições de realizar o seu trabalho, mas é também imprescindível compreender como fazer o trato destes conteúdos em sala de aula” (CALLAI, 1995, p. 40).

Reconhecendo a necessidade de a identificação como ser crítico o professor de geografia deve trabalhar de forma a fomentar essa linha de raciocínio em seus alunos, se distanciando da supracitada unilateral deposição de conhecimentos caracterizada por Paulo Freire através da educação bancária.

2.2 Formação inicial de professores

Segundo PIMENTA (1997) a essência da atividade prática do professor é ensino-aprendizagem, ou seja, é o conhecimento técnico prático de como garantir que a aprendizagem se realize em consequência da atividade de ensinar.

“Cabe a pedagogia, enquanto ciência da educação, conhecer e explicitar os diferentes modos como a educação se manifesta enquanto prática social”. (O Estágio na Formação de Professores: Unidade Teoria e Prática p.61).

Como o professor de geografia em formação pode a partir dessa colocação agregar conceitos sociais e culturais de modo a tornar a experiência do estágio cada vez mais edificante, para ele e o corpo discente, já que na educação básica do Brasil hoje o conteúdo de geografia e o modo com que é normalmente trabalhado é muito tradicional e distante da realidade, tornando o pouco atrativo para os jovens. O seu processo de formação enfatiza que o educador não deve ser apenas um transmissor de conhecimento e sim sujeito transformador do espaço e das pessoas que nele se encontram, característica que configura o ensino-aprendizagem.

Segundo PIMENTA (1997) Em relação à formação inicial, pesquisas (Piconez, 1991; Pimenta, 1994; Leite, 1994) têm demonstrado que os cursos de formação, ao desenvolverem um currículo formal com conteúdo e atividades de estágios,

distanciados da realidade das escolas, numa perspectiva burocrática e cartorial que não dá conta de captar as contradições presentes na prática social de educar, pouco têm contribuído para gerar uma nova identidade do profissional docente.

E completa dizendo ainda que no caso da educação básica, constatamos, que ao crescimento quantitativo dos sistemas e redes de ensino não tem correspondido um resultado qualitativo, adequado às exigências da população envolvida, nem às exigências das demandas sociais, logo focando apenas na reprodução e deposição de informações nos alunos.

2.3 O Estágio Supervisionado na formação inicial e a identidade do professor

O estágio tem papel central na formação inicial e sua identificação como professor. Uma vez que é obrigatório para a conclusão da graduação em licenciaturas ele representa por muitas vezes para o professor em formação o primeiro contato com a sala de aula.

Segundo Alves, Sanchez e Magalhães (2013, p. 102) o objetivo do estágio é proporcionar a relação entre a teoria e prática, porque é experienciando a teoria na prática que o futuro docente pode entendê-la completamente, e onde os conhecimentos teóricos podem servir de fundamento para a prática, buscando o aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem dos educandos

No entanto o estágio não deve ser encarado apenas como um laboratório prático, e sim como um espaço que a através das reflexões, e ao observar a prática pedagógica pelo do contato com os alunos atrelado à orientação do professor titular o ES acaba por proporcionar a identificação para esse estagiário como professor.

2.4 A padronização do ensino

A implementação do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM fortaleceu a prevalência de um modelo educacional tradicional. Isso ocorre porque as instituições de ensino básico frequentemente adotam abordagens que promovem uma visão distorcida do sucesso educacional, concentrando-se exclusivamente na quantidade de aprovações em universidades públicas, como mencionado anteriormente. Para os alunos que passam toda a vida educacional nesse sistema, a transição de estudante

para futuro professor se torna um dever de desvincular-se desse método de ensino expositivo e unidirecional. Para atingir esse objetivo, é necessário buscar inspiração em diversas metodologias e autores.

O estágio curricular é uma das iniciativas que compõem a Política Nacional de Formação de Professores e desempenha um papel crucial na melhoria da formação prática oferecida nos cursos de graduação. Ele possibilita uma imersão nas escolas de educação básica, permitindo aos futuros professores vivenciarem os aspectos essenciais da prática docente, como a elaboração de planos de aula, a regência de turma, a aplicação de avaliações e a participação em reuniões do conselho de classe. Dada à riqueza de experiências normalmente adquiridas nesse contexto, torna-se evidente a importância de manter o estágio como uma parte essencial da formação em licenciatura.

No entanto, é fundamental que não nos acomodemos ao ensino bancário. Devemos aproveitar ao máximo este espaço de prática que a graduação nos proporciona para experimentar uma ampla variedade de metodologias educacionais disponíveis. Ao fazê-lo, enriquecemos nossa experiência acadêmica, estimulamos o pensamento crítico e promovemos um ambiente de aprendizado mais dinâmico e envolvente.

Não devemos desperdiçar a valiosa oportunidade de diversificar nossos métodos de aprendizado durante a graduação. Ao explorar diferentes abordagens pedagógicas, ampliamos nossos horizontes e nos tornamos mais preparados para os desafios futuros. Portanto, é essencial que, em vez de aderir rigidamente ao ensino convencional, estejamos dispostos a abraçar a variedade de métodos educacionais disponíveis para enriquecer nossa jornada acadêmica.

2.5 O ensino de geografia no currículo escolar

O Conselho Nacional de Educação – CNE através de audiências públicas realizadas em 2017 e 2018, para o Ensino Fundamental e Ensino Médio respectivamente formularam a Base Nacional Comum Curricular – BNCC.

A geografia, assim como as demais matérias do ensino básico, é regulamentada através deste documento, que orienta os parâmetros e competências a serem seguidos pelas instituições e tem como objetivo atuar como balizadora da qualidade do ensino.

A resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019 - Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica, e passou a exigir Práticas como Componentes Curriculares - PCC no currículo das licenciaturas com no mínimo 400 horas, alteração adotada em 2019 na UFSM.

A BNCC determina que os principais conceitos abordados no Ensino Fundamental devem ser: o espaço, como conceito mais amplo e complexo, e os demais aspectos contidos no espaço, como território, lugar, região, natureza e paisagem. Além disso é necessária a elaboração de determinados raciocínios relacionados a fenômenos geográficos, entre eles a analogia, conexão, diferenciação, distribuição, extensão, localização e ordenação.

Para o ensino médio a geografia fica incluída dentro das ciências humanas e sociais aplicadas, tendo então uma abordagem consideravelmente mais vaga, segundo a BNCC (BRASIL, 2018): "... propõe que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas..."

Portanto, a BNCC na área de Ciências Humanas e sociais aplicadas determina principalmente que no Ensino Médio, sejam trabalhados os conceitos e aprendizagem dos estudantes referentes ao diálogo com outros grupos e com as novas tecnologias.

Vale ressaltar a importância e a contribuição das práticas realizadas durante a graduação para a criação de uma identidade como professor, durante o curso nos deparamos com diversas possibilidades de atividades práticas que aproximam o aluno da graduação em licenciatura do ambiente escolar.

Essas PCC são as práticas como componentes curriculares e têm como função a preparação para a realização de métodos e técnicas a serem utilizadas nas aulas de geografia. A primeira participação prática fica a cargo da disciplina geografia escolar que tem o objetivo de reconhecer o processo de institucionalização da Geografia escolar no Brasil; Identificar os desafios e possibilidades do aprender e

ensinar Geografia; Compreender e contextualizar a presença da Geografia no ambiente escolar; além de problematizar os espaços-tempos de aprendizagem geográfica, escolares e não escolares. Já para as disciplinas de vivências pedagógicas 1, 2, 3 e 4 respectivamente são: a participação observante da realidade do ensino de Geografia em distintos contextos escolares, o conhecimento do funcionamento da escola, compreendendo os diferentes setores envolvidos na organização do processo escolar, o planejamento e elaboração de instrumentos didáticos voltados para o ensino de Geografia em diferentes contextos de ensino, e Planejar, executar e avaliar uma prática de campo com alunos da Educação Básica, integrando conteúdos de Geografia com outras áreas do conhecimento.

Além dessas, a disciplina de didática em geografia que tem os objetivos de: compreender os processos capacitores para o exercício da docência nos ensinos fundamental e médio, através da discussão de diversas perspectivas de organização pedagógica.

Essas disciplinas foram importantes na formação inicial pois coloca o aluno diante da realidade dos contextos escolares e da disciplina de geografia do ensino básico, bem como dos desafios que vamos encontrar para ser professor.

2.6 O ensino de geografia na pandemia

Como já relatado anteriormente ao final do ano de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) determinou estado de pandemia causada pelo vírus Covid-19, modificando severamente o cotidiano da população de todo o mundo. Todos os âmbitos da nossa sociedade foram prejudicados e precisaram se adequar ao novo normal. A educação diante do cenário de pandemia viu a urgente necessidade de readequar a metodologia utilizada no ensino, adotando-se o modelo baseado em aulas à distância, como medida de prevenção ao contágio, porém visando a continuidade do ensino.

A geografia no âmbito do ensino superior desponta como um curso de complexa adaptação para o ensino à distância, dada a dificuldade de acesso de alguns objetos de estudo da mesma, como determinados minerais no caso da mineralogia ou ainda entraves mais simples como a necessidade da compra de licenças para o uso de alguns programas e até mesmo a não disposição de

computadores capazes de reproduzir softwares de elaboração de mapas e levantamento de dados.

Apesar do desafio de adaptação da geografia persistir no ensino básico há a possibilidade da realização de ajustes na didática utilizada normalmente pelos professores em sala de aula. E existe ainda a oportunidade para fomentar não só o senso crítico do aluno também como sua imaginação através de jogos e atividades, como exemplifica Brum (2022) através da adaptação para o ensino à distância no projeto em que desenvolve atividades de geoduação: o Geodia, evento realizado desde o ano de 2015 no município de Caçapava do Sul.

Para essa adaptação foi elaborada uma cartilha que possibilitava àqueles que não possuíam acesso à internet, a confecção de fantoches e brinquedos através do uso de materiais recicláveis.

Figura 1 Cartilha Geodia, Fonte: Brum (2022)



Já aqueles que dispunham do acesso à internet puderam acompanhar a elaboração dos materiais através de vídeos tutoriais postados no canal do YouTube do Geoparque Caçapava, entre eles: (a) porta-objetos da preguiça; (b) pé de lata; (c) brincadeira de acertar a bolinha no nariz da preguiça; (d) confecção de cactos de papelão; (e) e ainda o teatro de fantoche —Uma vida de preguiça”

Figura 2 Vídeos tutoriais, Fonte: Brum (2022)



Para além disso a transição temporária para o modelo de ensino remoto só foi possível pelos significativos avanços na área da comunicação e a maneira com que essas tecnologias estão bem dispostas e distribuídas em nossa sociedade atual.

Para Silva e Frick (2012, p. 4), “a articulação entre conhecimento e tecnologia da informação deve ser uma realidade na escola, materializada por meio do desenvolvimento de habilidades na busca, acesso e análise de dados específicos, as quais professores e alunos precisam construir”.

No entanto ainda sim a necessidade dessa transição causada pela pandemia escancarou as desigualdades presentes no sistema de ensino brasileiro, sobretudo na rede pública onde parte dos alunos enfrentaram graves dificuldades, como a ausência de acesso à internet ou até a indisponibilidade de aparelhos para acompanhar as aulas.

3 METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos para esta pesquisa, estão fundamentados na observação, práticas e experiências, tendo como metodologia a pesquisa-ação que se fundamenta na observação e análise empírica, segundo Thiollent (2002, p.14):

“... pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.”

Ainda conforme o autor uma pesquisa-ação só pode ser caracterizada quando houver uma ação por parte dos envolvidos na observação ou na prática experienciada, como no caso desse pesquisador que se coloca como sujeito da pesquisa, a estrutura da pesquisa apresenta em seus resultados os métodos utilizados e os relatos de experiência obtidos pelo sujeito da pesquisa dividido em duas partes.

Primeira parte: relatos referentes às vivências no PRP durante a pandemia de COVID-19, em que a realização do programa se deu de maneira remota.

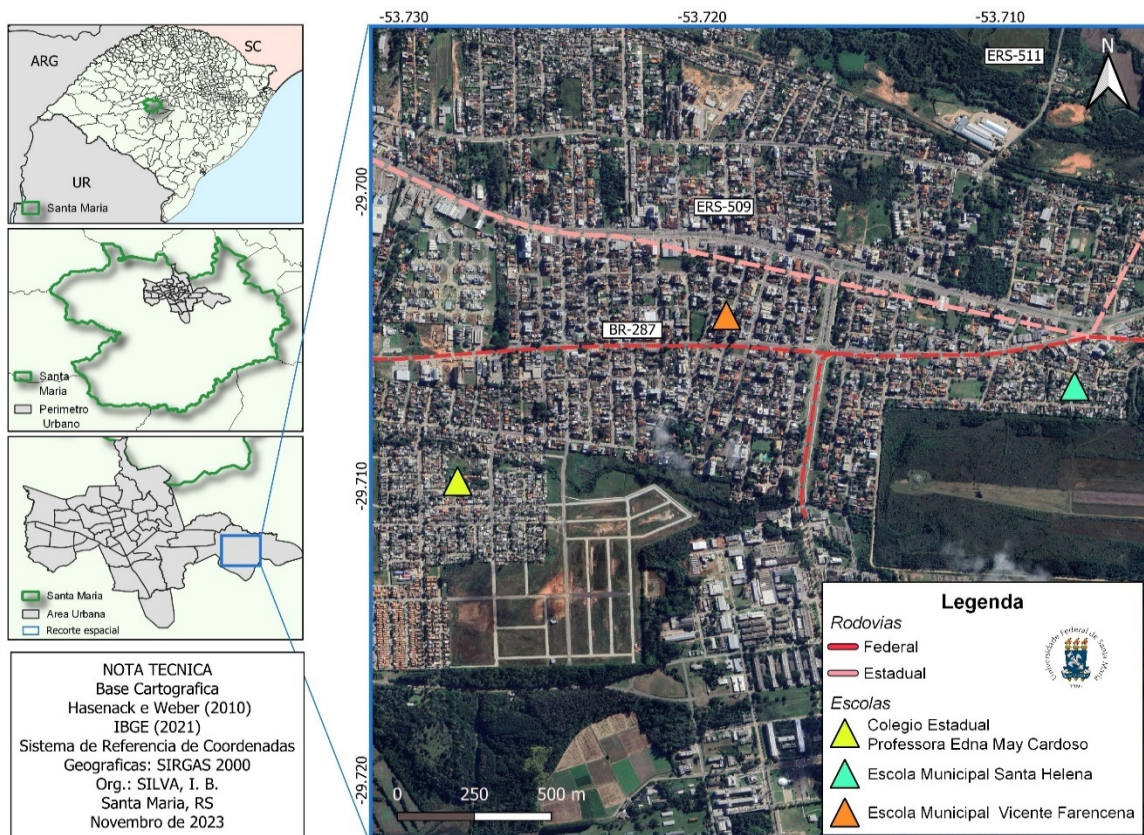
Segunda parte: descrevendo as experiências relacionadas ao ES em duas etapas do ensino básico, o ensino fundamental e o ensino médio. De maneira a organizar o relato, montou-se um roteiro para a descrição das experiências, remontando à história da escola, à descrição de seu espaço físico e os relatos de aula.

Dessa forma a pesquisa-ação pelo sujeito desse relato traz uma perspectiva da formação inicial de professores visando entender a sua própria prática para melhor aprender a ensinar. Portanto Freire (1996, p.39) ressalta que: “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

4 RESULTADOS DA PESQUISA.

4.1 As escolas de vivências e experiências na formação inicial como professor de Geografia

Figura 3 Localização das escolas vinculadas a formação inicial



4.2 Vivência como professor residente durante a pandemia

Na escola Ensino Fundamental Vicente Farençena ao longo do ano de 2021 e início de 2022 através da residência pedagógica, tive a primeira oportunidade de me inserir no ambiente de uma sala de aula como professor. O programa de residência teve seu início formal no dia 01/10/2020, e ao longo do seguinte ano letivo em 2021 pude através da professora preceptora pude começar o acompanhamento da turma 82 de oitavo ano.

A instituição que começou se chamando “Grupo Escolar Vicente Farençena” e tinha apenas duas salas de aula de madeira atendendo da 1ª à 4ª série, aos poucos a escola foi crescendo e implantando a pré-escola, 5ª, 6ª e 7ª séries, tornando-se assim, a Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Vicente Farençena. Atualmente o

espaço conta com 09 salas de aula, Biblioteca, Sala de Multimeios para alunos com necessidades educacionais especiais, Sala de Informática, Sala de Professores. A escola possui 37 colaboradores, entre eles, 29 professores que proporcionam ensino à mais de 400 alunos. Infelizmente devido ao estado de pandemia de COVID 19 não pude usufruir de sua estrutura física.

Figura 4 Escola Vicente Farencena, Santa Maria, Rs



Logo no início de minha participação como residente, atuei realizando observações de forma a complementar possíveis informações nas aulas ministradas pela preceptora, com o intuito de absorver informações sobre os métodos utilizados pela mesma para o ensino da geografia, permitindo assim uma progressão gradual em minhas participações em aula, para então no dia 14/04/2021 realizar a minha inserção ministrando uma aula sobre a primeira revolução industrial.

Figura 5 Primeira aula realizada na residência pedagógica



Ao longo do ano enfrentei algumas dificuldades, fruto da minha inexperiência na formulação dos materiais, como o plano de aula e os slides referentes aos conteúdos programados para os dias de aula, além de dificuldades pontuais para fazer analogias que pudessem facilitar o entendimento da turma sobre determinados assuntos que não eram cotidianos para alunos de ensino fundamental.

Outro aspecto que marcou minha passagem pelo programa de residência foi a dificuldade para me conectar com a turma, uma vez que por se tratar do modelo de ensino remoto, na maioria das vezes, apenas eu e a professora titular mantínhamos a câmera ligada, fato esse que dificultou minha aproximação para com os alunos refletindo na baixa participação dos mesmos em aula.

A Residência pedagógica é essencial para formação docente, pois permite muitas vezes ao futuro professor a primeira inserção no espaço de trabalho, oportunizando o contato com os alunos, compreendendo a realidade local e as dificuldades inerentes à carreira do magistério e a resiliência necessária para seguir nessa profissão. Apesar experiências limitadas pela pandemia, o programa foi de grande proveito e agregou significativamente na minha formação.

4.3 Vivência e experiência pós-pandemia com os estágios curriculares

A metodologia de ensino utilizada no estágio curricular de licenciatura pode variar significativamente dependendo do curso, da instituição de ensino e das preferências do professor supervisor. No entanto, geralmente, o estágio curricular em

cursos de licenciatura visa proporcionar aos futuros professores a oportunidade de adquirir experiência prática no ambiente escolar, aplicando e aprimorando seus conhecimentos teóricos.

Uma das metodologias de ensino comuns durante o estágio é a observação participante, na qual os estudantes de licenciatura têm a chance de assistir a aulas ministradas por professores experientes. Isso lhes permite aprender sobre estratégias de ensino eficazes, gerenciamento de sala de aula e dinâmica escolar real. Além disso, os estagiários devem planejar e conduzir aulas sob a supervisão de um professor titular, aplicando na prática o que aprenderam em suas disciplinas teóricas.

Segundo Ghedin e Franco (2011, p. 193) esse método “surgiu das experiências práticas dos etnógrafos que procuraram e procuram validar o conhecimento das culturas ou dos grupos étnicos estudados com base nas ciências sociais ou, mais especificamente, na Antropologia”.

Para o estágio foi determinado que o método a ser seguido seria o de aulas expositivas dialogadas, consistindo em uma abordagem de ensino que combina elementos de palestra tradicional com interação e diálogo entre o professor e os alunos. Desse modo, o professor desempenha um papel ativo na transmissão de informações, mas também incentiva a participação dos alunos, promovendo a discussão e o questionamento, precisando contextualizar o tema de modo que mobilize as estruturas mentais do estudante para que estes articulem informações que já trazem consigo e as relacionem com as que serão apresentadas.

Uma consideração crucial é que, ao abordarmos a metodologia de ensino da geografia, é essencial compreender qual abordagem geográfica estamos considerando. Isso pode variar entre uma abordagem tradicional, que se limita a descrever fenômenos naturais, físicos e humanos em livros didáticos, e uma abordagem mais contemporânea que busca contextualizar o conteúdo ensinado em sala de aula com a vida do aluno. CAVALCANTE (2008) oferece uma descrição precisa do exposto anteriormente, ao observar que "o método está intrinsecamente ligado à epistemologia, sendo impossível separar a metodologia da teoria do conhecimento".

Portanto, ao nos referirmos à metodologia do ensino de geografia, é crucial situar a abordagem geográfica específica que estamos considerando.

Para Cavalcanti (2012) a escola é um lugar de encontro de culturas, de saberes, de saberes científicos e de saberes cotidianos, ainda que o seu trabalho tenha como referência básica os saberes científicos, na escola se lida com culturas, seja na sala de aula, seja nos demais espaços escolares, sendo a geografia escolar uma das mediações pelas quais o encontro e o confronto entre culturas acontecem.

Em resumo, a metodologia de ensino no estágio curricular de licenciatura é orientada para a prática, combinando observação, planejamento e reflexão crítica para preparar os futuros professores para uma carreira de sucesso na educação. É uma fase crucial para a formação desses profissionais, pois os coloca em contato direto com a realidade da sala de aula, permitindo que adquiram experiência e desenvolvam suas habilidades pedagógicas.

Os estágios foram realizados de maneira concomitante, o que aumentou meu desafio pessoal visto que é costumeira e sugerida a realização de cada estágio obrigatório de maneira individual visando a progressiva adaptação do estudante e evitando sua sobrecarga, porém vi nessa realização conjunta a possibilidade de uma maior imersão e mais próxima da realidade do ofício de um professor titular.

No entanto os desafios se apresentavam antes mesmo do início do estágio, com a dificuldade para encaixar as aulas da faculdade, trabalho e as horas necessárias para a realização do estágio. Foi preciso achar instituições de ensino básico que além de poderem recepcionar um estagiário, também já ofertassem aulas de geografia nos horários que eu dispunha.

Ao final ficou definido que daria duas aulas seguidas em dois dias distintos da semana, cobrindo assim as horas necessárias tanto no médio quanto no fundamental, sendo o médio nas segundas pela manhã e o fundamental nas quintas também no período matutino, conseguindo conciliar toda a agenda.

Dessa maneira se iniciava no segundo semestre de 2022, no mês de outubro, aquela que para muitos é considerada a fase mais importante da graduação de um curso de licenciatura: o estágio obrigatório.

4.3.1 O Estágio no Ensino Fundamental

Para a realização do estágio no ensino fundamental foi escolhida a Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Helena, criada em 07 de abril de 1972, para

atender ao crescimento da comunidade e suprimindo a necessidade de uma escola próxima, para que as crianças não precisassem se deslocar por maiores distancias.

A comunidade se uniu e conseguiu do Sr. Euclides Machado a autorização para o funcionamento de uma escola em sua propriedade, na Quadra F da Vila Santa Helena. As aulas iniciaram em 1972, numa escola de madeira onde funcionavam turmas de 1ª a 4ª série. Em 10 de setembro de 1975, a escola passa a se denominar Grupo Escolar Municipal Santa Helena. Já no ano de 1976 a Prefeitura realizou a desapropriação do imóvel, e pagou uma indenização no valor de CR\$ 11.000,00 (cruzeiros) ao Sr. Euclides Machado.

A partir de 1994 a escola passou a oferecer o primeiro grau completo. No ano de 2000, a designação da escola foi alterada, conforme decreto para Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Helena.

Sobre o espaço físico da escola, pode-se observar que o prédio já é antigo e demanda algumas reformas, no entanto a equipe docente da escola se esforça para manter em dia todas as medidas de conservação e demonstram verdadeiro apreço pela instituição.

O espaço físico da escola é distribuído em dois prédios, o maior comportando as salas e laboratórios, banheiros e refeitório e dispõe de dois andares. O menor prédio abriga a secretaria e direção da escola. No centro dos dois prédios está localizada a quadra de esportes da instituição.

A sala do nono ano 91, onde ocorreram as observações e foram ministradas a maioria das aulas, se localiza no segundo andar do prédio principal e acompanha o padrão de estrutura do resto da escola; é antiga e de tamanho médio, porém bem mantida e organizada onde partes das paredes são utilizadas como murais para os trabalhos realizados pelos alunos. A sala dispõe de televisão para uso dos professores e alunos, wi-fi que auxilia na aula e pesquisa, e um aparelho de ar-condicionado.

Figura 6 Escola EMEF Santa Helena, Santa Maria, Rs



O período do estágio foi dividido em observação, planejamento e a execução de aulas. Por se tratar do primeiro contato mais direto com o ensino da geografia, era esperada certa dificuldade no que se refere à execução das aulas e de métodos, porém o início foi mais difícil que o esperado, uma vez que se tratavam de alunos muito jovens, os quais foram profundamente afetados pela pandemia, perdendo assim uma janela de tempo importante de convívio social, que a princípio afetava diretamente à normal execução das aulas.

Com o decorrer das aulas foi possível a melhor observação do grupo de estudantes com que iria trabalhar, identificando o comportando e a participação nas aulas, sendo através da realização das tarefas propostas ou pela realização de perguntas pertinentes ao assunto discutido.

Porém era um outro grupo de alunos aos quais tive maior dificuldade de reter o interesse nas aulas que tornavam desafiador a minha passagem como professor na turma, com o uso quase constante de celulares que emitiam barulhos facilmente audíveis durante a aula ou com conversas e piadas em meio às explicações, alguns alunos acabavam por dificultar a normal decorrência das aulas por distrair outros alunos.

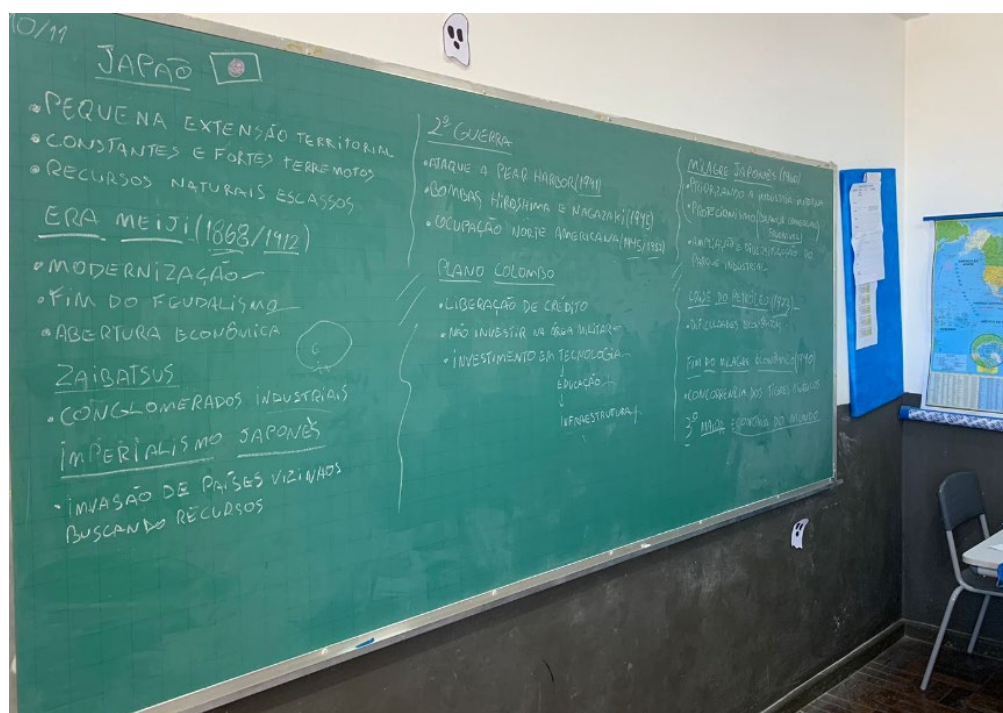
No princípio fiquei desmotivado com os desafios enfrentados para a plena realização das aulas, porém enxergava algumas dessas obstruções por parte dos alunos como atos dos quais eu, enquanto aluno do ensino fundamental, também perpetuei. Então realizei que não podia apenas ficar descontente com tais atitudes, me restava de alguma maneira tentar capturar e barganhar o interesse dos mesmos.

Através de reuniões com minha orientadora pudemos discutir alguns métodos a serem utilizados visando resgatar o interesse dos alunos, como a realização de atividades lúdicas, a proposição de atividades em grupo e a utilização de recompensas. Foi então que elaborei a segunda aula acompanhada por minha orientadora Prof.^a Dr.^a Sandra Ana Bolfe, que consistia em uma aula prevista no plano de ensino e abordava os aspectos sociais e econômicos do Japão. Para isso remontei primeiramente à história do país, e busquei através de um vídeo traduzir em imagens um conteúdo que está muito distante da realidade desses alunos e por vezes é apenas descrito através de palavras, o que pode dificultar sua conceituação.

Figura 7 Aula 10/11 ensino fundamental, escola Santa Helena



Figura 8 Quadro da aula 10/11 Escola Santa Helena



Como resultado da mudança de abordagem na elaboração de aula foi possível notar uma maior participação e interesse dos alunos nessa aula, assim como uma evidente melhora na fixação do conteúdo trabalhado, fato comprovado posteriormente através da realização de avaliações.

4.3.2 O Estágio no Ensino Médio

Já para o âmbito do ensino médio foi iniciado na data 17/10/22 e terminando no dia 19/12/22, e foi realizado no Colégio Estadual Edna May Cardoso localizado no Bairro Camobi em Santa Maria, RS. A escola tem sua origem ainda no início da década de 80, os moradores do Bairro onde se situa a instituição, tendo identificado a necessidade de ter uma unidade educacional pública que permitisse o acesso da comunidade e que suprisse as diferentes necessidades e dimensões do processo educacional, iniciaram um movimento na comunidade com o objetivo da construção de uma escola.

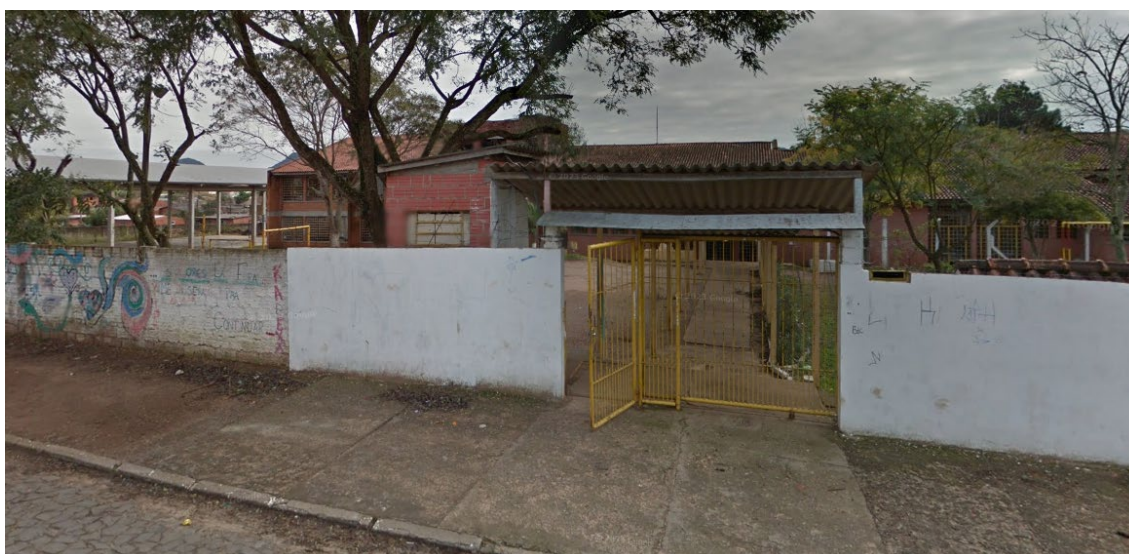
Junto ao núcleo habitacional em 10/12/1982, obtiveram através do decreto de criação nº 30.984 para que começasse a construção da escola. Primeiramente como parte da Escola Estadual de 1º e 2º graus Professora Margarida Lopes. Através da

luta da comunidade e em conjunto com a direção da Escola Estadual Professora Margarida Lopes, começa a construção da nova escola; porém antes da obra ser finalizada, o prédio foi destruído por fortes ventos.

Em 1986, reinicia-se o funcionamento da Escola Estadual Professora Margarida Lopes- extensão COHAB, com uma construção contendo 4 salas de aula. No dia 18/03/1991 com a Portaria de autorização e funcionamento de denominação nº 353 e parecer nº 219/91, passa a existir a Escola Estadual de 1º Grau Professora Edna May Cardoso, não pertencendo mais como extensão da Escola Estadual Professora Margarida Lopes e agora com autonomia político pedagógica. O processo de definição do nome da escola se dá a partir de uma tomada de decisão da comunidade escolar e faz referência ao trabalho de uma educadora ligada à área das linguagens (educação física e artes).

As atividades pedagógicas começaram no 4ª até à 7ª série, e posteriormente, formaram-se turmas de 1ª a 3ª séries. Em 1987, um evento climático atingiu o prédio, que desabou, e as atividades foram interrompidas. Em 1990, a escola passa a funcionar em novo prédio construído nos moldes do Projeto Nova Escola que configura as características estruturais da escola atualmente. (Projeto Político Pedagógico da escola-PPP, s/d)

Figura 9 Escola EFM Professora Edna May Cardoso, Santa Maria, Rs.



Logo no primeiro contato com a turma, a professora preceptora me apresentou aos alunos e, me pegando de surpresa com um gesto ao me entregar o giz me passou

a regência da classe, explicando que a aula desse dia se referia a industrialização brasileira.

Por imaginar que o primeiro contato seria realizado através de uma observação inicial da classe e os métodos utilizados pela professora, de modo que pudesse elaborar minhas aulas de maneira minimamente semelhante às aulas da professora titular, não havia elaborado um plano de aula para aquele dia.

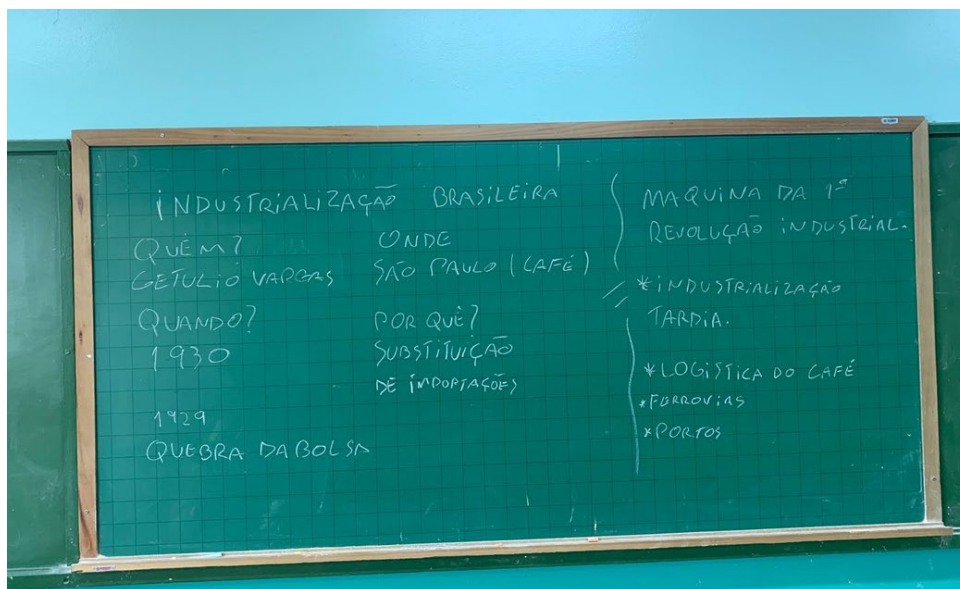
Assustado com o primeiro contato com a turma e o início do estágio, tive a sorte da aula ser referente à uma área de interesse particular, o que me rendeu certo conforto ao discorrer sobre o assunto, mesmo que superficialmente, já que não havia feito um planejamento prévio.

Figura 10 Primeira aula no Estágio de Ensino Médio



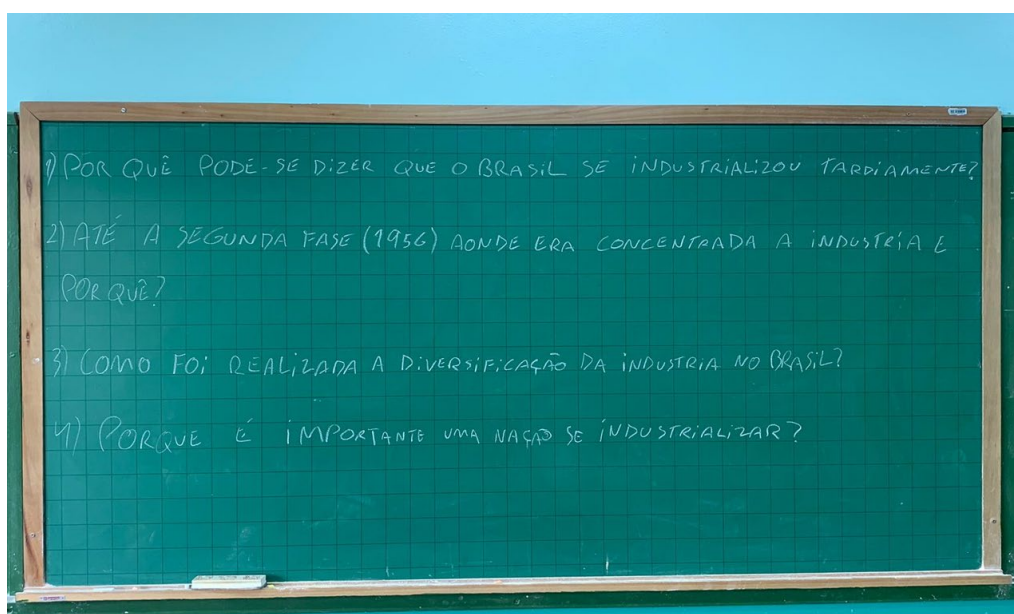
Ao final da aula informei aos alunos que na semana seguinte revisitaríamos o mesmo conteúdo, para que eu pudesse então previamente elaborar uma aula adequada. Já ao sair da escola animado, comecei a desenhar mentalmente como organizaria o quadro, quais questionamentos faria em determinados momentos visando instigar a participação dos mesmos na aula.

Figura 11 Segunda aula no Estágio de Ensino Médio (referente ao conteúdo da primeira aula



Já mais preparado e com um plano de aula adequado, logrei êxito em discorrer sobre o assunto de forma mais aprofundada, porém ainda faltava conquistar os alunos de maneira que eles participassem ativamente. Com esse objetivo, após a conclusão da exposição do conteúdo, apresentei a eles algumas perguntas referentes ao conteúdo da aula que eu havia separado.

Figura 12 Perguntas formuladas para fixação do conteúdo



Foi então através da utilização dessas perguntas que pude instigar a participação da turma e o raciocínio dos alunos, auxiliando com a conexão de algumas ideias soltas proferidas por alguns alunos, fomos lentamente caminhando para respostas satisfatórias para as questões propostas.

A partir desse momento pude contar em quase todas as aulas com significativa participação e interesse dos alunos, que apesar de realizarem brincadeiras e conversas pontuais, tendiam a atender minhas demandas referentes a trabalhos ou respostas de questões levantadas em sala. Acredito que tal relação foi facilitada pelo fato de minha idade não estar muito distante dos alunos; logo o linguajar utilizado se aproximava do utilizado pelos alunos.

Nesse recorte de aulas referentes ao período atuando no ensino médio, pude notar que apesar de também existirem desafios inerentes à minha inexperiência, se apresentavam outros distintos dos enfrentados no primeiro relato, referente ao ensino fundamental.

Claro que questões de interesse de alunos e indiferença às regras de convívio propostas para salas de aula, como a não utilização constante de smartphones e aparelhos que reproduzam áudio ainda se fazem presentes, há ainda problemas que acompanham a faixa etária dos alunos.

Através do relato de diversos alunos pude montar um perfil geral da turma e o seu cotidiano, o qual por vezes influenciava diretamente seu desempenho escolar. Muitos já haviam ingressado no mercado de trabalho, como forma de ajudar financeiramente em casa ou então buscar relativa independência financeira. Tal fator resultava em uma frequência extremamente baixa entre os alunos, a turma que já era pequena composta apenas por 13 alunos tinha uma frequência média de 7 alunos por aula. Porém principalmente entre aqueles com maior frequência em sala de aula, foi possível a observação de relativa melhora na compreensão dos conteúdos trabalhados.

4.4 Avaliações realizadas para os alunos durante os estágios curriculares

Um dos pontos mais discutidos acerca do ensino é como avaliar diferentes alunos, uma vez que pessoas respondem de formas distintas a variados métodos avaliativos.

Desta forma, existem direcionamentos metodológicos do processo avaliativo que são desenvolvidos a partir dos objetivos e critérios que se pretende atingir, como noções básicas predeterminadas no plano de ensino e o senso crítico, além dos movimentos pedagógicos e avaliativos adotados normalmente pelos docentes.

O processo avaliativo não deve estar centrado no entendimento imediato pelo aluno das noções em estudo, ou no entendimento de todos em tempos equivalentes. Essencialmente, porque não há paradas ou retrocessos nos caminhos da aprendizagem. Todos os aprendizes estão sempre evoluindo, mas em diferentes ritmos e por caminhos singulares e únicos. O olhar do professor precisará abranger a diversidade de traçados, provocando-os a progredir sempre (HOFFMANN, 2001, p. 47)

É consenso de que a avaliação é necessária, no entanto diferentes educadores tendem em buscar avaliar seus alunos de maneira diferente. Na minha visão o que mais se aproxima de um método avaliativo justo e que gera maior equidade entre os alunos, vai de encontro com o que afirmam Hoffmann (2000) e Luckesi (2012), o processo de avaliação não ocorre em um único momento, sendo processual e contínuo, ao longo do ano letivo, portanto, não sendo algo estanque.

Busquei conversar com a professora titular Rosa Elaine lensen para me informar quais métodos avaliativos utilizados por ela e também solicitei exemplares de provas que ela havia aplicado anteriormente, visando evitar confundir os alunos que já estavam acostumados a um modelo. Baseado nisso pude elaborar uma avaliação que tivesse estrutura similar às já realizadas, segundo (LUCKESI, 2005, p.19): "... a prática do exame, devido a operar com os recursos de aprovação/reprovação, obrigatoriamente conduz à política da reprovação, que tem se manifestado como o mais consistente álibi para o fracasso escolar" (LUCKESI, 2005, p. 19).

Levando isso em consideração, a avaliação dos alunos não foi limitada apenas à prova e sim ocorreu de maneira contínua avaliando sua participação, interesse e curva de aprendizagem. Pontos que permitiram que houvesse um consenso com a

professora titular quanto a aprovação ou não dos alunos no conselho de classe, resultando na recomendação de aprovação de 10 alunos no total de 13 que atingiram os critérios e apresentaram melhora de uma avaliação para a outra.

5 Considerações Finais

A formação inicial composta pelos programas PRP e ES, através de observação e análise participativa do autor provou-se de extrema importância para a criação da identidade de professor, que deve acompanhar o profissional por toda sua carreira.

Ademais vale ressaltar a importância do PRP como primeiro projeto a possibilitar a inserção do licenciando no ambiente escolar, de maneira que o mesmo deve ser preservado, possibilitando assim que cada vez mais alunos tenham acesso à residência e desfrutem das experiências promovidas por ela.

O estágio supervisionado que por sua vez é de caráter obrigatório, deve ser valorizado como o principal meio para a formação e criação da identidade de um professor, tendo em vista que é através dele que o aluno da licenciatura pode se aprofundar de maneira prática nos métodos até então elaborados apenas no campo teórico e ainda descobrir a didática que melhor se encaixa ao seu perfil de ensino.

Nesse sentido sem os supracitados projetos, a identificação como professor, além da absorção de métodos de ensino e a inserção no mercado de trabalho teriam prejuízos. Sem eles não haveria a oportunidade prévia da elaboração da práxis em um ambiente controlado e com acesso a suporte pedagógico e técnico, que é de caráter indispensável para aqueles que estão em formação e vislumbram uma carreira educacional em geografia.

A participação ativa do autor no PRP e no ES, e as práticas incorporadas durante esses programas refletem a importância dos mesmos, e evidencia que ambos devem ser continuamente fomentados de maneira a preservar a qualidade da formação docente.

6 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins de. Século de prática de ensino de geografia: permanências e mudanças. In: REGO, Nelson, et al (Org.). **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio**. Vol. 2. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 13–30.

ALVES, V. P.; SANCHEZ, A. B.; MAGALHÃES, C. **O estágio supervisionado no curso de pedagogia: “E quem já é professor”?** Vivências e experiências da prática de estágio. Revista eletrônica Pro-Docência/UEL. Edição nº 4, vol. 1, jul./dez. 2013.

BARBOSA, M. E. S.; ALBUQUERQUE, L. B. **O ensino de Geografia e a organização dos tempos e espaços escolares**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA. FORMAÇÃO, PESQUISA E PRÁTICAS DOCENTES: REFORMAS CURRICULARES EM QUESTÃO, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRUM, Eduarda Caroline. **O GEODIA COMO BASE EDUCACIONAL PARA A CERTIFICAÇÃO DO GEOPARQUE ASPIRANTE CAÇAPAVA**. 2022.

CALLAI, H. C. A formação do professor de Geografia. **Boletim Gaúcho de Geografia**, 20: dez., p. 39-45, 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mito e desafio: uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Educação & Realidade, 1993.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e criando a prática**. 2 ed. Salvador: Malabares Comunicações e eventos, 2005.

PIMENTA, Selma Garido, LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio: diferentes concepções**. Estágio e docência- 3ª ed- São Paulo: Cortez, 2008- (Coleção docência em formação. Série Saberes pedagógicos).

PIMENTA, S. G. **O Estágio na Formação de Professores: Unidade Teoria e Prática**. Cortez: São Paulo, 1997

PIMENTA & LIMA, M. S. L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2008.

ROCHA, Genilton Odilon R. da. **A trajetória da disciplina Geografia no currículo escolar brasileiro** (1937 – 1942). Dissertação de Mestrado em Educação. Departamento de Supervisão e Currículo, PUC – SP. São Paulo: PUC, 1996.p,86.

SILVA, Paulo Cesar da; FRICK, Elaine de Cacia de Lima. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Secretaria de Educação do Governo do Paraná 2013.